

De volta ao futuro da língua portuguesa.
Atas do V UO GNR/"Uimpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa
Simpósio 47 - Português do Brasil: História, contatos e variedades, 1027-1040
ISBN 978-88-8305-127-2
DOI 10.1285/i9788883051272p1027
<http://siba-cse.unisalento.it>, © 2017 Università del Salento

MANUTENÇÃO E PERDA DAS LÍNGUAS E CULTURAS ITALIANAS DE IMIGRAÇÃO NO EIXO RIO DE JANEIRO-JUIZ DE FORA

Mario Luis Monachesi GAIO¹⁷

RESUMO

A partir da segunda metade do século XIX o Brasil recebe um número expressivo de imigrantes italianos, muitos deles direcionados ao estado de Minas Gerais por conta de um acordo assinado entre os governos mineiro e italiano. A principal porta de entrada dos imigrantes nesse estado era a cidade de Juiz de Fora, que se ligava ao Rio de Janeiro pela estrada União-Indústria, primeira estrada pavimentada da América Latina. O perfil dos italianos era marcado pelas diferenças culturais e linguísticas. Provinham de toda a península itálica e eram, na maioria, dialetófonos. Embora o escopo do governo mineiro fosse enviar os imigrantes para a lavoura, muitos deles acabaram por ocupar áreas urbanas, onde houve intenso contato com as diversas variedades do italiano e o português brasileiro (PB), o que levou os imigrantes à apropriação da variedade da língua majoritária (PB) e consequente não transmissão da língua de origem às gerações seguintes. Entretanto, há sentimento de italianidade entre os descendentes (Gaio, 2013), que vem se transformando ao longo das gerações e sugere o reconhecimento de uma identidade sincrética, marcada em comunidades de prática de imigrantes urbanos. Com auxílio do referencial teórico e metodológico de Redes Sociais (Milroy; Milroy, 1985; Milroy, 2003; Bortoni-Ricardo, 2011) e Comunidades de Prática (Wenger, 2006; Eckert, 2000), investigamos em que medida as gerações mais jovens representam uma “etnicidade em movimento”. A pesquisa é parte da tese de doutoramento. Tem cunho etnográfico e pretende buscar evidências que endossem a importância das Redes Sociais/Comunidades de Prática na transmissão linguístico-cultural no eixo Rio-Minas.

PALAVRAS-CHAVE: línguas em contato; etnicidade em movimento; comunidades de prática; imigração italiana; transculturalidade.

17 Doutorando em Estudos de Linguagem em cotutela pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF) e pela Kulturwissenschaftliche Fakultät da Europa-Universität Viarina (EUV). Endereço: Rua Dr. Gilson Salomão, 200, Chalés do Imperador, CEP 36036-360, Juiz de Fora/MG, Brasil. Email: mlmgaio@id.uff.br / euv153772@europa-uni.de

Introdução

O Brasil, com seus mais de oito milhões de km² - quase a metade de toda a América do Sul - tem sua população formada por diversas etnias, provenientes de diversas partes do mundo. No fim do século XIX um acordo entre os governos do estado de Minas Gerais e o governo italiano promoveu um fluxo migratório muito importante de italianos em direção a esse estado brasileiro e o município de Juiz de Fora se destacou na recepção de muitos desses imigrantes. A cidade, localizada quase na divisa com o estado do Rio de Janeiro, já se destacava como polo industrial e ali foi instalada uma hospedaria¹⁸ para a recepção e triagem desses imigrantes. Embora o objetivo primeiro do governo do estado fosse suprir as fazendas de café com mão de obra imigrante, muitos desses italianos acabaram por se estabelecer em área urbana, o que gerou incômodo nas relações entre os dois governos (Gaio, 2013).

Hoje o Brasil é um país plurilíngue e pluricultural, rico e diverso etnicamente, onde coexistem línguas autóctones, alóctones, línguas de contato com fronteiras hispanófonas, francófonas (Guiana Francesa) e anglófonas (Guiana).¹⁹ Sua população é composta por elementos étnicos de quase todas as partes do mundo. A sociedade brasileira é multiétnica em movimento (Savendra; Gaio, 2013). Essa pesquisa de doutorado, ainda em desenvolvimento, trata dos processos de transculturalidade, como definida por Welsch (1999),²⁰ característicos de sociedades como a brasileira. A transculturalidade, numa macro visão, é “uma consequência da *distinção interna e da complexidade das culturas modernas*²¹”. Culturas que se interpenetram ou emergem umas das outras (Welsch, 1999). Também no nível do indivíduo, ou numa micro visão, a transculturalidade está ganhando terreno porque a sua formação cultural vem sendo cada vez mais influenciada por múltiplas conexões culturais. “Somos híbridos culturais²²”, como afirma o mesmo autor, e a população brasileira é certamente um bom exemplo. Acreditamos que a etnicidade híbrida

18 Hospedaria Horta Barbosa (Cf. Gaio, 2013)

19 Há também a fronteira com o Suriname, mas trata-se de região praticamente inabitada.

20 Alguns autores (Cf. Risager & Dervin, 2015) não fazem a mesma distinção de Welsch e consideram a transculturalidade como apenas mais um termo para nomear processos de mistura cultural. Nesse trabalho optamos pela diferenciação proposta por Welsch. Salientamos que esse termo foi proposto pela primeira vez pelo cubano Fernando Ortiz, em 1940, que buscava explicar a formação do povo e da cultura de seu país.

21 Tradução nossa. Original: “Transculturality is (...) a consequence of the *inner differentiation and complexity of modern cultures*”

22 Tradução nossa: Original: “We are cultural hybrids”

que permeia a assimilação cultural dos imigrantes com os costumes brasileiros e a valorização do legado cultural dos povos que construíram o Brasil atual por parte dos seus descendentes sejam os próprios processos de transculturalidade que constituem o ser brasileiro e sejam merecedores de estudos mais aprofundados. Assim, questionamos: Qual a relação entre a língua e o legado (trans)cultural transmitido pelos imigrantes? O que veio? Do que veio, o que permaneceu e o que se perdeu? O que se misturou e com o que se misturou? Como ficou? Em que medida esse legado (trans)cultural pode ser identificado em marcas linguísticas e culturais nas gerações posteriores à imigração? Como se manifestam os processos de sincretismo cultural (Canevacci, 2004) em núcleos de descendentes de italianos no *locus* da pesquisa?

Antes de prosseguir, é importante esclarecer uma questão terminológica. Em um primeiro momento de nossa pesquisa utilizamos os termos ‘hibridismo’, ‘hibridização’, ‘híbrido’ para nos referir à miscigenação étnica e cultural brasileira. Investigando mais a fundo, temos preferido o termo ‘sincretismo’ e seus correlatos por nos parecerem mais adequados. Hibridismo, a nosso ver, carrega a ideia de impureza e não queremos que essa ideia seja sequer cogitada. Portanto, nesse momento da pesquisa, uso esse termo com parcimônia. Frello (2015) faz um interessante contraponto de interpretações sobre o uso de hibridismo neste contexto. Há quem o defenda (Ang, 2001) e há quem o critique (Friedman, 1999). Recentes leituras (Canevacci, 2004) têm me levado a preferir ‘sincretismo’ para expressar a mistura étnica e cultural. Podemos falar em ‘sincretismo cultural’ para explicitar a configuração brasileira atual, motivada pelas diásporas, pela etnicidade em movimento, pela transculturalidade.

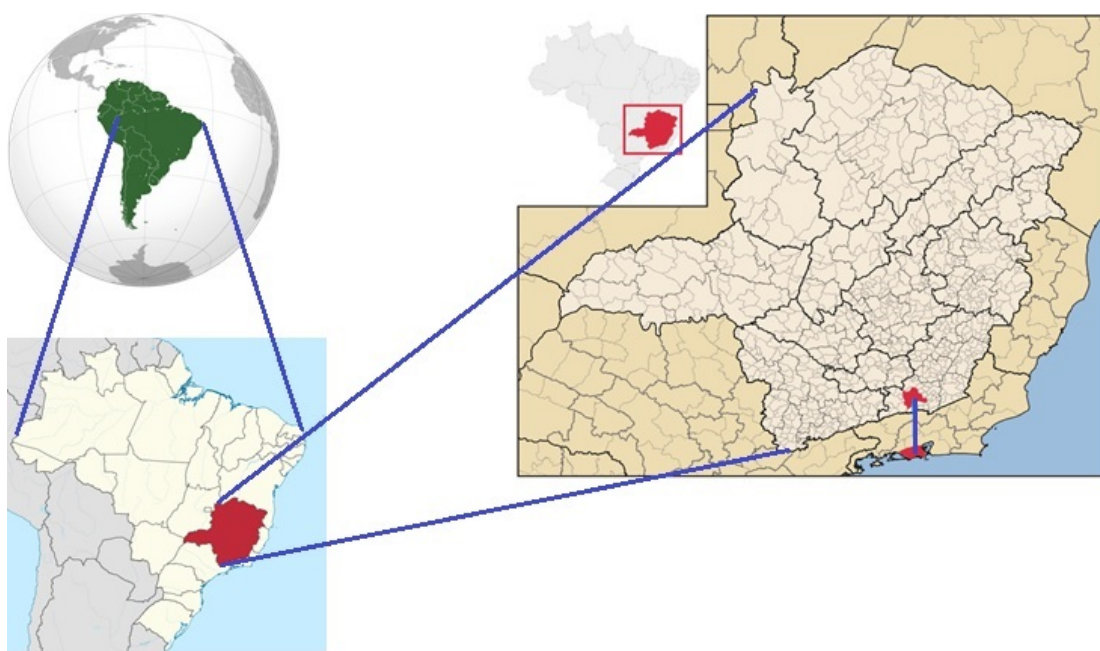
Nosso ponto de partida é a cidade de Juiz de Fora, localizada no estado de MG a cerca de 30 km da divisa com o estado do RJ. O eixo proposto na pesquisa vai até a cidade do Rio de Janeiro e passa por Petrópolis, percorrendo o caminho da estrada União-Indústria. Juiz de Fora conta hoje com cerca de 600.000 habitantes, Petrópolis com cerca de 300.000 e o Rio de Janeiro com 6.500.000.

Delimitação e objetivos

Delimitamos nosso estudo aos núcleos de descendentes de italianos que se

estabeleceram no eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora. A importância dos imigrantes italianos na formação da população brasileira é indiscutível e o *locus* escolhido é motivado pela história da região, ligada pela estrada União-Indústria, a primeira estrada pavimentada da América Latina, que promove até hoje uma vinculação de influência da ex-capital nacional com os municípios da Zona da Mata mineira, como retrata o REGIC – 2007, documento publicado pelo IBGE após ampla pesquisa de campo.²³ Neste trabalho não nos interessamos por divisões político-administrativas estaduais, posto que sua natureza é arbitrária. Nas relações sociais e humanas, onde se encaixam os trabalhos em sociolinguística, interessam as influências e os vínculos reais percebidos pelos indivíduos dentro de suas comunidades. A divisão proposta no REGIC leva em conta as áreas de influência das diversas cidades brasileiras, manifestada pelos cidadãos.

Discutiremos os processos de transculturalidade identificados na formação e manutenção de núcleos compostos por descendentes de imigrantes italianos no eixo Rio de Janeiro – Juiz de Fora.



23 REGIC: Região de Influência das Cidades.
Cf. <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm?c=6>

Metodologia

Nossa pesquisa tem cunho etnográfico e pretende buscar evidências que endossem a importância das Comunidades de Prática (CP) (Wenger, 2006; Eckert, 2000) na transmissão linguístico-cultural no eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora. A Comunidade de Prática como entendida por nós pode ser associada a Redes Sociais como definida por Milroy & Milroy (1985) e Milroy (2003), e também explorada por Bortoni-Ricardo (2011). É nossa opção usar a terminologia Comunidade de Prática pela característica particular dessa última. Acreditamos que toda CP seja uma Rede Social, mas nem toda Rede Social é uma CP. O ponto de partida são as Associações que promovem a cultura italiana na região delimitada. Através de seus responsáveis queremos identificar possíveis CP existentes e/ou existentes cujo mote seja a relação com o legado cultural deixado pelos imigrantes. Identificadas as CP, pretendemos, através de uma enquete sociolinguística, identificar qualitativamente marcas linguístico-culturais nas CP e avaliar os processos de transculturalidade ocorridos/em andamento.

Identidade

Para tratar de etnicidade em movimento, de legado cultural e de migração é preciso falar sobre identidade. É uma questão que não se punha num passado pouco distante, na era pré-moderna e pré-mobilidade (Bauman, 2005:29), pois era comum nascer, crescer e morrer dentro da mesma comunidade. Assim, a identidade estava ligada intrinsecamente aos costumes da comunidade da qual se fazia parte. Hoje essa questão vem à tona porque a mobilidade dos indivíduos mostra que a identidade não é algo fixo. É um eterno moldar-se e é cercada de conflitos. Identificar-se com um grupo, ou com uma comunidade é uma necessidade de segurança e conforto e cria a expectativa de que haja solidariedade entre os membros (Bauman, 2005).

O migrante vivencia pessoalmente a mutabilidade da própria identidade, de acordo com as provas pelas quais passa ao longo da vida. Deixar sua minissociedade para viver em outro ambiente social, com outro *modus vivendi* transforma a própria visão da relação ‘nós’

e ‘os outros’. Imigrantes italianos que se deslocaram para o *locus* da pesquisa não se identificavam como ‘iguais’, havia diferenças linguísticas e culturais muito importantes (Bertonha, 1998; Gaio, 2013), enfatizadas pela célebre frase de Massimo d’Azeglio²⁴ ainda na época da Unificação Italiana:²⁵ “fizemos a Itália, agora é preciso fazer os italianos”. Nesse caso, apesar da origem nacional comum (mesmo passaporte, no fim das contas), os grupos eram divididos pelas origens, o que enfraquecia o sentimento de ‘identidade nacional’. Porém, características comuns a vários membros de uma comunidade podem criar laços afetivos e identitários, o que, no nosso caso, podem vir a criar CP espontaneamente, cujo mote de pertencimento seja a ascendência italiana e a busca por resgate dessa cultura já entranhada nos costumes locais.

Embora a língua dos imigrantes tenha desaparecido na região, motivada sobretudo pela não transmissão intergeracional e por fatores inerentes à migração do tipo urbana (Gaio, 2013), há indícios de núcleos ligados pela ascendência comum no *locus* de nossa pesquisa.

Certamente a língua é um forte elemento de referência identitária, mas não é imprescindível para a manifestação da própria identidade. Do ponto de vista de quem não migra o contato com imigrantes revela que um grupo social tem diversas maneiras de manifestar a sua identidade e os membros desse grupo social devem perceber que esse sentimento de identificação com o seu próprio grupo se manifesta de diversos modos, dos quais um deles é a língua (Jungbluth, 2007).

A ascensão do Fascismo e as *Case d’Italia*

Com a ascensão do fascismo, Mussolini pretendeu unificar os italianos, dando sentido nacionalista à cidadania italiana. Nessa conjuntura, nos anos 30 do século XX surgem as *Case d’Italia*. Sua função era abrigar as diversas associações de italianos das suas cidades. Foram concebidas para unir os italianos, desenvolver sentimento de italianidade.

24 Importante político e escritor italiano.

25 A Unificação Italiana, também chamada de *Risorgimento*, aconteceu em 1861.



No Brasil, as associações de italianos se destacaram pela quantidade e pela característica regional, manifestada através de seus nomes: *Legha Lombarda, Meridionali Uniti, Trinacria, Campania, Veneta San Marco...* Trento (1989, *apud* Bertonha, 1998:142) destaca também os diversos problemas que tais associações apresentavam, tais como dificuldade de trabalho em conjunto, rivalidade profunda e baixa adesão. As *Casa d'Italia*, abrigando as diversas associações, teriam um papel centralizador, meio paternalista, assim como se propunha ser o governo fascista, com a intenção de enaltecer a suposta ‘etnia’ italiana, o sentimento patriótico italiano. A tentativa de resgate da italianidade por parte do governo de Mussolini colheu alguns frutos e há várias *Casa d'Italia* no Brasil. Nesse artigo, vamos falar especificamente da que foi construída em Juiz de Fora.



A instalação da *Casa d'Italia* de Juiz de Fora contou com grande envolvimento de muitos italianos, os quais se juntaram para adquirir o terreno. Posteriormente fizeram doações, dentro da possibilidade de cada um, para que o prédio fosse construído. O governo

italiano colaborou financeiramente, mas com parcela pequena. A *Casa* funcionou durante poucos anos, mas foram certamente muito intensos do ponto de vista cultural. Colhemos relatos documentados de italianos que frequentaram a escola italiana mantida na época. Percebe-se o tom nacionalista e patriótico do governo.

“Eles [os professores] despertavam na criança um amor pela Itália muito grande, maior do que o amor pelo Brasil. Os professores que vinham de lá já vinham preparados para isso, e então (...) na hora de cantar um hino, por exemplo italiano, você cantava com muito mais satisfação do que o hino brasileiro. Isto é errado, depois com o tempo é que vi que estava errado – nós somos brasileiros e não temos intenção nenhuma de voltar para a Itália, absolutamente” (Processo de tombamento da *Casa d’Italia*, p. 10)

Os relatos, porém, indicam pormenores que apontam para a etnicidade em movimento através de um já aflorado sentimento de brasilidade mesclado com a valorização do legado cultural dos antepassados italianos. O primeiro deles, a evidência de que a língua, fosse qual fosse, não era transmitida no núcleo familiar, como, aliás, já havia detectado Gaio (2013). Os depoimentos enfatizam o aprendizado do italiano na escola e não fazem nem mesmo menção a dialetos. Diferentemente dos modelos de escolas internacionais de hoje, o governo italiano pretendia que as escolas fossem italianas, como se observa a partir dos depoimentos colhidos em documento anexado ao Processo de Tombamento do prédio da *Casa d’Italia*:

“... Na idade de 9, 10... Anos você aprende com muita facilidade tudo o que ensinam (...) e eu aprendi a falar italiano”. (Dante Zanzoni)

“eu estudava numa escola (italiana, Umberto I) de Juiz de Fora e **aprendi o italiano** porque os **meus pais tinham interesse...**” (Tisio Arcuri)

“... Além da parte cultural de **ensinar os (sic) filhos a língua** e as canções italianas...” (idem)

“eles tinham (...) a oportunidade de **convivência nos moldes da Itália**” (idem)
(todos os grifos são nossos)

A *Casa d’Italia* de Juiz de Fora funcionou de 1939 até 1942, quando o Brasil entrou na 2ª guerra mundial. A *Casa*, então, foi tomada pelo governo brasileiro e passou a abrigar o Círculo Militar. Foram apenas três anos de funcionamento, mas certamente muito intensos e profícuos (Ferenzini, 2008). Em 1955 o governo brasileiro devolve a *Casa* ao governo italiano. Houve então uma tentativa de retomada dos ideais de centro cultural e de conagração de italianos, mas já sem intenção nacionalista. Buscava-se um centro com

marcas italianas, que pudesse reunir os italianos e fosse voltado à cultura. A década de 60 foi marcante e a *Casa d'Italia* permaneceu como importante centro cultural até meados dos anos 70, quando entrou em decadência. Já nos anos 80 suspeitou-se de que havia tratativas para venda do prédio e alguns italianos e descendentes, além de outras pessoas ligadas à cultura da cidade, se mobilizaram para buscar seu tombamento como patrimônio cultural municipal.²⁶ A movimentação deu certo e o prédio foi tombado em 1985.

Momentos históricos diferentes, Comunidades de Prática semelhantes

O que se depreende da história da *Casa d'Italia* de Juiz de Fora é que independentemente das ideias fascistas, muitos italianos se reuniram em torno dela, seja na época em que servia aos propósitos de Mussolini ou na retomada após a guerra, ou ainda no aparente desinteresse do governo italiano em manter o funcionamento das suas instalações. São momentos históricos importantes durante os quais houve formação de CP, todas de alguma forma bem sucedidas.

Na sua estrutura original, a *Casa d'Italia* de Juiz de Fora foi certamente marcante para os italianos e descendentes que optaram por usufruir de suas instalações, como atesta Dante Zanzoni em depoimento constante no Processo de Tombamento da *Casa d'Italia*:

“Era uma segunda casa. Você trabalhava de dia e de noite ia pra lá, (...) inclusive aos domingos que havia uma sessão cinematográfica. Por causa da guerra fecharam a *Casa d'Italia* e para nós, filhos e descendentes de italianos houve esse hiato, uma coisa tremenda. Não houve mais aquele conagraçamento, não havia como se reunir.”

Atualmente a *Casa d'Italia* de Juiz de Fora tem funcionado nos mesmos moldes de como foi concebida no tempo de Mussolini, com a vantagem de não estar impregnada de ideias fascistas, muito pelo contrário. Em 1990 foi fundada a Associação Ítalo-brasileira *San Francesco di Paola*, que é responsável pela sua gestão. No prédio funcionam ainda a Associação de Cultura Ítalo-brasileira, uma escola de língua italiana como língua estrangeira, o Grupo de Dança Folclórica Italiana Tarantolato e um restaurante

26 Jornal “Tribuna de Minas”, edição de 03/05/1984.

especializado em cozinha italiana, com ênfase na calabresa. Funciona ainda o Vice-Consulado da Itália, ou Agência Consular, vinculado ao *Consolato d'Italia di Belo Horizonte*, a capital do estado.

Resultados iniciais

Apesar do título, acreditamos que seja prematuro falar em resultados, embora sejam dados importantes que nos direcionam na identificação das CP a partir da cidade de Juiz de Fora. A partir da observação do atual funcionamento da *Casa d'Italia* ali presente, identificamos núcleos potencialmente importantes para a manutenção e divulgação de língua e cultura na cidade. Igualmente, buscamos informações a respeito de núcleos culturais na cidade de Petrópolis, que é bem mais conhecida pelo seu legado de história alemã. Na cidade serrana do estado do Rio de Janeiro identificamos o *Circolo Italiano di Petropolis* e a *Casa d'Italia Anita Garibaldi*. Essa última, embora carregue o nome *Casa d'Italia*, não tem relação com as *Casa d'Italia* criadas pelo governo de Mussolini. No estágio atual de nossa pesquisa, temos alguns dados somente de Juiz de Fora. Realizamos um questionário simulando uma entrevista que foi enviado aos principais responsáveis pelas três Associações que funcionam no prédio da *Casa d'Italia* atualmente. Observamos perfis de associações diferentes, mas que apontam para a existência de CP motivadas pela italianidade.

A Associação San Francesco, no seu papel de gestora da *Casa d'Italia*, tem em seu quadro 250 associados. Chama a atenção, porém, o fato de que a maioria dos associados tem mais de 50 anos de idade e não tem havido renovação. Segundo o seu responsável, 35% dos associados “falam ou entendem bem o italiano”²⁷ e 34% tem dupla cidadania. O dado mais relevante é a existência de um grupo de oito associados que se reúne semanalmente para a prática de bocha e de jogos de cartas. Esses associados são italianos,

²⁷ Evidentemente não aprofundamos a questão de forma a entender o que o informante quer dizer com ‘falar ou entender bem’ a língua. O valor da resposta é demonstrar que uma parte consistente dos associados tem interesse, de alguma forma, pela língua.

de idade mais avançada. Mantém hábitos que indicam uma CP bastante viva, mas frágil pela falta de renovação.

A Associação de Cultura Ítalo-brasileira é um curso privado de língua e cultura italiana e é mais conhecido pelo nome de ‘Cultura Italiana’. Funciona ininterruptamente há mais de 60 anos, conseguiu superar a pior fase da *Casa* nos anos 70. Usam as mesmas dependências da escola *Umberto I*, da época do fascismo. Gaio (2013) relevou que 60% dos seus alunos são descendentes de italianos, 63% têm mais de 40 anos e 70% são mulheres. No entanto, sua presidente nos revela que a descendência, embora seja motivo de procura pelo aprendizado da língua, não é o mais relevante, e que atualmente tem aumentado o número de jovens em busca do aprendizado da língua por conta dos programas universitários de internacionalização. Já em 2013 Gaio observou que 29% dos alunos matriculados tinham até 30 anos de idade. Porém, o número total de alunos tem diminuído ao longo dos anos, mesmo com mensalidades mais baixas do que a média cobrada por outros cursos de idiomas. Isso não nos autoriza a relacionar esse decréscimo ao desinteresse pela língua, uma vez que nossa análise está restrita apenas à ‘Cultura Italiana’. Detectamos um indício da formação de CP dentro da escola a partir da necessidade de formação de turmas chamadas ‘suplementares’, surgida entre os próprios alunos, após o término do curso regular. Essa interação, que permite e estimula a manutenção de alguns alunos, tem como mote o interesse comum, motivador de prazer, pela língua e cultura italianas.

A Associação Cultural Grupo de Dança Folclórica Italiana Tarantolato, conhecida como Grupo de Dança Tarantolato, ou simplesmente Tarantolato, nasceu no ano 2000, por iniciativa de uma professora da ‘Cultura Italiana’. Segundo a própria idealizadora, era uma vontade antiga que pôde se concretizar a partir de um convite de um órgão da Prefeitura. O grupo é amador, mas a organização tem nível profissional. Já se apresentaram inúmeras vezes em diversos eventos em todo o Brasil. Por razões logísticas o grupo nunca ultrapassa a quantidade de nove pares de dançarinos. Atualmente tem quinze membros (sete pares mais uma pessoa de apoio). Estão constantemente renovando figurinos, coreografias e buscando novas danças. É um grupo muito dinâmico. Os componentes pertencem a faixas etárias variadas e equilibradas, e há sempre interessados em tomar parte do grupo, o que garante a renovação quando necessária. Seus trabalhos já foram aceitos em eventos internacionais, embora não tenham conseguido participar por falta de patrocínio. Percebe-se

uma CP bastante forte, criada a partir do interesse pela dança. Entre os componentes não há italianos, mas alguns²⁸ são descendentes. Através do grupo alguns membros se interessam em aprender italiano, mas o foco principal é a dança. O objetivo do grupo, quando da sua criação, era a divulgação da cultura italiana através da dança.

Considerações finais

Neste trabalho pudemos verificar alguns pontos importantes para o prosseguimento de nossa pesquisa, quais sejam a identificação de núcleos onde há indícios da formação de CP cuja razão de existir está relacionada à italianidade. Como foi observado, tanto no passado mais longínquo como no mais recente a dispersa comunidade italiana de Juiz de Fora (Gaio, 2013) se mobilizou em CP, quando achou necessário, motivada pela relação direta com as origens italianas dos membros, numa demonstração de que talvez essa coletividade de italianos não seja tão dispersa quanto possa parecer. Em Juiz de Fora, como vimos, há fortes indícios de que tais núcleos tenham origem no maior símbolo de representação da coletividade italiana da cidade, que é a *Casa d'Italia*. No nosso percurso histórico percebemos que a representação simbólica do prédio para a cidade foi provavelmente determinante para que as novas iniciativas de divulgação cultural tivessem força e pudessem ser retomadas. A partir de agora, além de estendermos nossa busca por CP a Petrópolis e ao Rio de Janeiro, é nosso escopo investigar marcas linguísticas que identifiquem essas CP para podermos responder às perguntas propostas nesse trabalho.

Na nova formação da *Casa d'Italia* de Juiz de Fora a 'Cultura Italiana' permanece sendo a principal referência da cidade no ensino de língua italiana. O grupo Tarantolato mantém tradições culturais e as transmite às novas gerações. Mantém viva a cultura da dança folclórica de um tempo, mas sempre renovada por participantes jovens, o que garante a sua manutenção ao longo do tempo. São brasileiros, não necessariamente descendentes de italianos, absorvendo e transmitindo cultura italiana, que compõe a formação do povo brasileiro. É sem nenhuma dúvida uma CP motivada por cultura italiana.

28 A informante não soube precisar quantos são descendentes.

Nossa investigação deverá chegar a Petrópolis e então buscaremos entender se o funcionamento do *Circolo Italiano di Petropolis* e da *Casa d'Italia Anita Garibaldi* podem ser caracterizados como CP. Do ponto de vista linguístico chama-nos a atenção o cuidado com a grafia totalmente italianizada do nome do 'Circolo', com o detalhe da não acentuação do próprio nome da cidade, diferentemente das associações juiz-foranas, as quais mantêm seus nomes grafados em português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ang, Ien. 2001. *On not speaking Chinese. Living between Asia and the West*. London: Routledge.

Bauman, Zygmunt. 2005. *Identidade*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.

Bertonha, João Fábio. 1998. *Sob o signo do Fascio: O fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1922-1943*. (s. n.). Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas.

_____. 2005. *Os Italianos*. São Paulo: Contexto.

Bortoni-Ricardo, Stella Maris. 2011. *Do campo para a cidade: estudo sociológico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola.

Canevacci, Massimo. 2004. *Sincretismi. Esplorazioni diasporiche sulle ibridazioni culturali*. Milano: Costlan editori.

Dervin, Fred; Risager, Karen (orgs.). 2015. *Researching Identity and Interculturality*. Abingdon: Routledge.

Eckert, Penelope. 2000. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell

Ferenzini, Valéria Leão. 2008. *Os italianos e a Casa d'Italia de Juiz de Fora*. Locus: revista de história, v. 14, n. 2. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, p. 149-159.

Frello, Birgitta. 2015. *On Legitimate and Illegitimate Blendings: Toward an Analytic of Hybridity*. In: Dervin, Fred & Risager, Karen (orgs.). 2015. *Researching Identity and Interculturality*. New York: Routledge.

Friedman, Jonathan. 1999. *The Hybridization of the Roots and the Abhorrence of the Bush*. In: Featherstone, Mike; Lash, Scott. (orgs.) 1999. *Spaces of Culture. City, Nation, World*. London: Sage, p. 230-256.

Gaio, Mario Luis Monachesi. 2013. *Imigração italiana em Juiz de Fora: manutenção e perda linguística em perspectiva de representação*. 111f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Niterói.

_____; Savedra, Mônica Maria Guimarães. 2013. *Língua e cultura em contato na Zona da Mata mineira: a imigração italiana em Juiz de Fora*. Veredas, v.17, n. 2. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, p. 357-375.

Jungbluth, Konstanze. 2007. *Doing Identities in Regional, National and Global Contexts: The Catalan Case in Spain*. In: Jungbluth, Konstanze; Meierkord, Christiane. *Identities in Migration Contexts* (orgs). Tübingen: Gunter Narr Verlag.

Milroy James; Milroy Leslie. 1985. *Linguistic change, social network and speaker innovation*. *Journal of Linguistics*, v. 21, n. 2, Cambridge: p. 339-384.

Milroy, Leslie. *Social Networks*. 2003. In: Chambers, J. K., Peter Trudgill And Natalie Schilling-Estes (Orgs). *The Handbook of Language Variation and change*. Blackwell Publishing.

Ortiz Fernández, Fernando. 1999 [1940]. *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el azúcar*. Madrid: EditoCubaEspaña.

Processo de Tombamento da *Casa d'Italia* de Juiz de Fora. 1984. Prefeitura de Juiz de Fora, Número 006372, vol. 1.

Thomason, Sarah. Grey. 2001. *Language Contact: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

Weinreich, Uriel. 1953. *Language in contact*. The Hague: Mouton Publishers.

Welsch, Wolfgang. 1999. *Transculturality – the Puzzling Form of Cultures Today*. *Spaces of Culture: City, Nation, World*. Mike Featherstone and Scott Lash. London, Sage, p. 194-213.

Wenger, Etienne. 2006. *Comunità di Pratica: apprendimento, significato e identità*. Traduzione R. Merlini. Milano: Raffaello Cortina Editore.

Winford, Donald. 2003. *An introduction to contact linguistics*. Oxford: Blackwell.